

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ENTRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS E O PERCURSO FORMATIVO DE PROFESSORA EM
FORMAÇÃO**

MANAUS – AM

2018

SELMA JÉSSICA DOS SANTOS MARTINS

**ENTRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS E O PERCURSO FORMATIVO DE PROFESSORA EM
FORMAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade do Estado
do Amazonas como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia.

Prof^ª Orientadora: MsC. Caroline Barroncas de Oliveira

MANAUS – AM

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a). **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

M386e	<p>Martins, Selma Jessica dos Santos</p> <p>Entre as histórias de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos e o percurso formativo de professora em formação / Selma Jessica dos Santos Martins. Manaus : [s.n], 2018.</p> <p>48 f. : ; 30 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Inclui bibliografia Orientador: Oliveira, Caroline Barroncas</p> <p>1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Experiências. 3. Histórias de vida. I. Oliveira, Caroline Barroncas (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Entre as histórias de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos e o percurso formativo de professora em formação</p>
-------	--

TERMO DE APROVAÇÃO

SELMA JÉSSICA DOS SANTOS MARTINS

ENTRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O PERCURSO FORMATIVO DE PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Amazonas, Escola Normal Superior, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Manaus, 04 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA:



Profª. MsC. Caroline Barroncas de Oliveira
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profª. Dra. Mônica de Oliveira Costa
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profª. Dra. Lucinete Gadelha da Costa
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS

Dedico este trabalho aos colaboradores:
Resiliência, Resistência, Determinado e
Refúgio, foram graças as suas histórias
que foi possível a realização desta
monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo dom da vida e por todas as bênçãos refletidas.

A Profa. MsC. Caroline Barroncas de Oliveira por ter me acolhido tão sensivelmente apesar de tantas dúvidas e incertezas que tive com respeito a pesquisa narrativa.

Aos meus pais Doralice Ribeiro e Roberlan da Silva pelo incondicional apoio e dedicação.

Ao meu amado marido Daniel, por estar ao meu lado nesse longo processo de escrita.

A minha filha Maria Alice, seu sorriso é a razão pela qual nunca desistirei.

As minhas queridas amigas nessa jornada acadêmica: Kelly Jéssica, Jéssica e Maria Antônia.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito conhecer quem são os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal de Manaus, utilizando de suas próprias narrativas através de suas histórias de vida e o meu percurso de professora em formação. A pesquisa partiu da identificação dos elementos que caracterizam o processo educacional dos alunos, interpretando esses elementos e relacionando-os com a história de vida da futura professora-pesquisadora. Foi utilizado a entrevista narrativa para a coleta de dados dos quatro sujeitos da pesquisa por permitir que eles pudessem reconstruir suas trajetórias até chegarem a EJA, a partir de uma narrativa livre que não possui um caráter interrogativo e sim a solicitação que narrem as suas histórias de vida. A partir da descrição de cada uma das entrevistas foi percebido que apesar de terem percorrido caminhos diferentes para chegarem a EJA, havia similaridades em suas histórias que se cruzaram com os referenciais teóricos a fim de conhecer mais profundamente os alunos da EJA através de suas próprias narrativas.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos, Experiências, Histórias de vida.

ABSTRACT

This work aims to know who are the students of the Education of Young and Adults of a municipal school in Manaus, using their own narratives through their life stories and the course of the teacher in formation. Identifying the elements that characterize the educational process of the students, interpreting these elements and relating them to the life history of the future teacher-researcher. The narrative interview was used to collect the data of the four subjects of the research for allowing them to reconstruct their trajectories until they reach Eja, from a free narrative that does not have an interrogative character, but the request that tell their stories of life. From the description of each of the interviews it was noticed that although they had traveled different ways to reach Eja, there were similarities in their histories that crossed themselves with the theoretical references in order to know more deeply the students of the Eja from their own narratives.

Keywords: Youth and Adult Education, Experiences, Life Stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ENCONTRO COM A PESQUISA NARRATIVA E MINHA FORMAÇÃO	11
2 REVELAR-SE NAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES DA EJA	22
2.1 CIRANDAS DE VIDAS: DETERMINADO, REFÚGIO, RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	24
PONDERAÇÕES MOBILIZADORAS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos - EJA é uma modalidade de ensino que busca atender aos alunos que por algum motivo não conseguiram concluir os estudos na idade adequada, tendo assim uma função reparadora na vida dessas pessoas.

A EJA foi produzida com o objetivo de reparar os danos causados pela exclusão daqueles que por motivos pessoais ou pela falta de condições, vagas insuficientes entre outros não permaneceram na escola. A grande multiplicidade de motivações existentes entre os alunos da EJA, fazem com que esta modalidade de ensino tenha particularidades que a diferencie de todas as outras modalidades de ensino, fazendo que eu enquanto professora-pesquisadora busque conhecê-la a partir do olhar de seus alunos.

Considerando assim as particularidades desta modalidade, utilizando das narrativas dos próprios alunos a partir de suas histórias de vida levantou-se as seguinte questões: Quem são os alunos da EJA? E como me vejo entrelaçada nas histórias de vida dos alunos da EJA enquanto futura professora da EJA?

Como desdobramento o trabalho teve como objetivo geral: Conhecer quem são os alunos da Educação de Jovens e Adultos -EJA de uma escola municipal de Manaus a partir de suas biografias, entrelaçando-as com o percurso formativo da futura professora-pesquisadora. E como objetivos específicos: 1) Identificar elementos caracterizadores do processo de vida dos alunos da EJA, a partir das narrativas biográficas; 2) Interpretar os elementos caracterizadores do processo educacional dos alunos da EJA, a partir de suas narrativas biográficas; 3) Relacionar os elementos caracterizadores do processo de vida, especificamente o percurso educacional, dos alunos da EJA e a história de vida da futura professora-pesquisadora.

A realização deste trabalho foi de extrema importância para minha formação e desenvolvimento como futura professora-pesquisadora. Ao invés de buscar conhecer os alunos da EJA, de forma distante através de um questionário, optei por conhecer as suas histórias de vida, a motivação para estarem em sala de aula, os fatores que os levaram ao abandono escolar quando mais jovens, relacionando seus relatos com a minha trajetória pessoal, como futura professora em formação e como filha de uma aluna da EJA.

Primeiramente trago como ocorreu o meu encontro com a pesquisa narrativa a princípio cheio de dúvidas e incertezas, em um constante questionamento sobre o porquê de ter me deparado com essa perspectiva somente no penúltimo período da faculdade,

teóricos como: Cunha (1997), Larrosa (2002), , Connelly e Clandinin (2000), Muylaert et al. (2014), fundamentam este início com a pesquisa, a escolha pelo método da entrevista narrativa ocorreu para que os quatro sujeitos pudessem sentir-se a vontade para narrar suas trajetórias até finalmente se depararem com a EJA.

Na segunda parte deste trabalho, apresento mais profundamente os sujeitos, inicialmente suas histórias seriam contadas individualmente e as relacionaria com a minha trajetória no percurso formativo. No entanto ao descrevê-las pude notar que apesar dos sujeitos traçarem caminhos diferentes, suas trajetórias apresentam similaridades, por isso a concepção de cirandas de vidas foi adotada, com a ideia de “convidar o leitor a estar inscrito em um movimento de criar e transmitir narrativas – como em uma ciranda, para, compartilhando, viver, ver novamente, ressignificar, reescrever” (LEITE, 2012, p. 51, grifos da autora). É para essa grande roda que convido você leitor, a cirandar por vidas que movem a EJA e meu processo formativo.

1 ENCONTRO COM A PESQUISA NARRATIVA E MINHA FORMAÇÃO

DIZENDO ADEUS

*Estou sempre dando adeus:
também ao desencontro e ao desencanto.
Estou sempre me despedindo
do ponto de partida que lança de si,
do porto de chegada que nunca é aqui.
Estou sempre dizendo adeus:
Até de Deus,
para o reencontrar em outra esquina de adeuses.
Estarei sempre de partida,
até o momento de sermos adeuses:
quando me fizeres dar adeus à solidão e à sombra.*

Lya Luft

Durante o processo de escrita deste trabalho disse adeus a várias ideias e conceitos que estavam entranhados em minha vida docente, e não foi fácil desconstruir-me, disse adeus a imagem de pesquisadora distante dos sujeitos da pesquisa, disse adeus a concepção de que não poderia envolver-me com as histórias coletadas e sobretudo disse adeus a escrita vazia e sem sentimentos para encontrar-me na pesquisa narrativa e aceitar que sim, poderia emocionar-me com os colaboradores ao ouvir suas histórias, foi necessário como diz a epígrafe dizer adeus, mas não foi fácil, e é com essa mensagem de despedida e reencontro que convido aos leitores deste trabalho a envolver-se nas histórias que serão contadas.

O ano era 2003 e eu aos oito anos de idade acompanhava minha mãe nas aulas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) a noite, como muitas mulheres durante a juventude ela teve que abandonar os estudos pelas dificuldades enfrentadas para permanecer na escola, a violência doméstica também foi um dos fatores que dificultou sua volta às salas de aulas, durante um ano presenciei sua rotina cansativa para estudar.

Esse fato marcou-me muito pois estive presente, mesmo que não pudesse entender plenamente suas dificuldades para voltar aos estudos. Aos dezessete anos ingressei na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no curso de Pedagogia e os desafios enfrentados pela minha mãe continuavam em meus questionamentos: Será que os alunos da EJA ainda enfrentam as mesmas dificuldades? Quem são esses alunos? Qual será minha perspectiva, já que estarei em outra posição, agora como futura professora?

Durante o estágio III, tive a oportunidade de reencontrar com a Educação de Jovens e Adultos, agora com uma nova forma de olhar, como estagiária, acompanhei

durante alguns meses a rotina de uma escola de EJA, no entanto desde o início busquei destacar no aluno da EJA e foi assim que pude conhecer histórias como a da Dona Maria (nome fictício) que pacientemente ensinou-me a ouvi-la e através dela pude lembrar a minha história e por meio de uma crônica escrita por mim em agradecimento aos ensinamentos da Dona Maria conheci a pesquisa na perspectiva narrativa.

Conheci a Dona Maria (nome fictício) no segundo dia de estágio, reconheci naquela jovem senhora com as mãos calejadas pelo tempo a figura de minha mãe, que há quinze anos estava também em sala de aula, no projeto Tempo de Acelerar, formando-se no Ensino Fundamental e posteriormente no médio, percebi que também me vi naquela sala, mas como uma criança de oito anos que frequentava as aulas à noite com a sua mãe, que apesar de todas as dificuldades não desistiu. Dona Maria achava que eu estava ali para ensiná-la ou ajuda-la, mal sabia ela, que foi ao vê-la que eu que fui ensinada, a não desistir e há persistir em continuar na graduação. Ao conversar com aquela senhora de voz pacata e um tanto envergonhada, vários questionamentos surgiram em minha cabeça como: Por quais motivos ela não pode continuar os estudos na idade certa? Será que as suas filhas e netas tiveram a chance de estudar? O Brasil de 30 anos atrás que não dá oportunidades aos mais pobres continua a reproduzir isso hoje? Muitas vezes a falta de experiência gera uma certa afobação em obter respostas, Dona Maria ensinou-me que eu estava ali para ouvi-la passivamente, sem muitas interferências, sem tantas perguntas, esperei, esperei pacientemente até aquela senhora sentir-se a vontade para dividir comigo as suas angústias. Obrigada Dona Maria, espero revê-la muitas vezes e continuar com as nossas conversas que tanto me ensinam! (Relatório de Estágio, 2018, p.19).

Como a autora mostra “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011, p.147). Ao narrar nossas histórias nos reinventamos e damos a elas novos sentidos.

Ao corrigir meu caderno de campo e ao ler a minha crônica, uma das professoras orientadoras do estágio, Caroline Barroncas, percebeu que as crônicas escritas por mim se encaixavam na pesquisa narrativa e que a partir delas o meu trabalho de conclusão de curso poderia ser feito. E foi assim que encontrei no penúltimo período da faculdade a pesquisa narrativa que trouxe consigo outros questionamentos a respeito dessa perspectiva investigativa, que para mim foi uma nova forma de pesquisa e escrita: por que durante todo o período de vida acadêmica, conheci a pesquisa narrativa somente no penúltimo período? Qual o espaço da pesquisa narrativa na Universidade e no curso de Licenciatura em Pedagogia? Por que em disciplinas como Métodos e Técnicas de Estudo e Trabalho Científico ou Pesquisa e Prática Pedagógica I, nunca citaram a perspectiva da

pesquisa narrativa? Será que a Pesquisa Narrativa é tão nova assim que não possa ser inserida nas disciplinas do curso de Licenciatura em Pedagogia?

Os questionamentos que fiz foram o impulso que precisei ter para iniciar as minhas pesquisas na perspectiva da narrativa, que pode ser definida como: “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado (CONNELLY E CLANDININ, 2000, p.20). Apesar de não ser recente ainda é considerada uma novidade. Na área da educação, em especial na formação de educadores, as pesquisas com narrativas vêm crescendo no Brasil a partir de meados dos anos 90 do século passado (SOUZA, 2006).

No Brasil, Souza (2006) aponta em seu artigo “A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicos sobre a vida em formação” que no campo da educação, diversos movimentos vêm-se constituindo, desde o início dos anos de 1990, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Destaca-se no entanto o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudo sobre Docência, Memória e Gênero – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GEDOMGE/FEUSP), sob coordenação de Catani, Souza, Bueno e Sousa, bem como as investigações realizadas durante os anos 1997/99 através do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Imaginário Social – Universidade Federal de Santa Maria (GEPIS/UFSM), com pesquisas em rede que inter cruzam as temáticas sobre história de vida, docência, gênero, subjetividade e imaginário na perspectiva de contribuir com a formação de professores. Por isso, cada vez mais, ganham corpo e expressão estudos sobre formação de professores que tematizam os percursos de formação com enfoque na história de vida, nas autobiografias e nas narrativas de formação.

Ao utilizar as narrativas na pesquisa tenho a oportunidade de refletir sobre as minhas experiências através do outro. Cunha mostra as relações na narrativa como:

Trabalhar com narrativas na **pesquisa** e/ou no **ensino** é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós (1997, p.3).

Cunha (1997, p.3) afirma que “a narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tornando-se distância do momento de sua produção, é possível ao ouvir a si mesmo ou ao ler seu escrito”, no entanto, para que

isso ocorra é preciso que o sujeito esteja disposto a analisar-se criticamente, separando olhares presentes na sua caminhada e pondo em dúvida suas crenças e preconceitos, a fim de desconstruir seu processo histórico para melhor compreendê-lo (CUNHA, 1997).

As experiências estão profundamente ligadas com a narrativa, “as pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos” (CUNHA, 1997). Para autora:

Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito. É por isso que se pode afirmar que a escrita sobre uma realidade pode afetar esta mesma realidade, pois assim como são os pensamentos que orientam a ação racional, a narração conduzirá ao desempenho de fatos vitais (p.4).

Ao falar sobre a experiência Larrosa (2002, p. 21) afirma “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e o autor continua:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (p.24).

Ainda sobre os sujeitos da experiência Larrosa declara: “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. (2002, p.24). Para que a experiência ocorra é necessário que os sujeitos envolvidos nela tragam essa abertura, ao falar da passividade o autor a define como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (2002, p.24).

Ao encontrar no estágio III, os sujeitos da EJA, pude perceber na prática a singularidade de cada entrevista, e o sentido da fala do autor: “Se a experiência não é o que acontece, mas o que *nos* acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (LARROSA, 2002, p. 27, *grifos da autora*), pois foi a minha experiência pessoal com a EJA que levou-me até aquele momento tornando-o único e por mais que aqueles alunos fossem entrevistados por outras pessoas a experiência não seria a mesma, mesmo que as falas dos entrevistados fossem.

Somente após conseguir refletir sobre a minha experiência pessoal com a EJA e como esta norteia a minha vida como futura professora pude perceber como o saber da minha própria experiência refletirá na escrita deste trabalho, o contato com a escola, os professores, funcionários e principalmente os alunos, tudo isto possibilitou que a escrita torne-se única e mesmo que eu possa repetir estas entrevistas daqui a alguns anos, o resultado não será o mesmo, pois a experiência não será a mesma. Larrosa (2002, p. 27) aponta: “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna”. E o autor continua ao afirmar:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (LARROSA, 2002, p.27).

É nessa busca pelo saber da experiência que o processo teórico-metodológico deste trabalho iniciou-se a partir de quatro entrevistas narrativas feitas por mim, primeiramente com três alunos da Educação de Jovens e Adultos e posteriormente com a minha mãe, considerando as experiências vivenciadas a fim de buscar conhecer quem são os alunos da EJA e identificar os elementos característicos de suas vidas através das narrativas.

A escolha dos três sujeitos da pesquisa ocorreu em conjunto com o Pedagogo da escola municipal que autorizou as entrevistas, no entanto apresentei a ele alguns perfis de alunos que já observava durante o estágio III. Aqui irei nomeá-los como colaboradores, são pessoas que apesar de idades diferentes apresentam semelhanças em suas histórias de vida, oriundos da desigualdade social, muitas vezes com estruturas familiares abaladas, que tiveram que abandonar a infância e a escola, como disse Lya Luft *estamos sempre dizendo adeuses*, e este adeus foi na busca do sustento para as suas famílias e encontraram na EJA a oportunidade de um recomeço, e quando voltam aos estudos muitas vezes com o objetivo de conseguir realizar feitos como ter uma colocação profissional melhor, ou almejar cursar posteriormente a faculdade e é através de objetivos como esses que Freire destaca:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (Freire,1996, p. 58).

Todos são capazes de aprender, mas para isso é necessário que se predisponham a aventurar-se em novas experiências, a despir-se de suas certezas, ao contar suas experiências de vida os colaboradores podem valorizar-se, percebendo que não são inferiores a ninguém, tornando-se conscientes de sua própria existência e realidade, a fim de tornarem-se protagonistas de suas próprias histórias. Freire afirma:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (Freire,1996, p.69-70).

É nessa aventura do desaprender que me disponho a escutar as histórias alheias que me sinto tão próxima do sentido de ser e estar na docência, pois sinto e me aproximo de cada colaborador ao me ver na história narrada por eles. Ao sentir tudo isso e ao pensar sobre a neutralidade tão ensinada nas disciplinas científicas do curso, fico em conflito ao me deparar com o que Freire fala “que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos”, realmente minha existência é tocada por cada história contada.

A partir disso, para a geração destas narrativas utilizei como dispositivo¹ a entrevista narrativa, através dela os colaboradores deste trabalho puderam revisitar suas histórias de vida, reconstruindo suas trajetórias até finalmente chegarem na EJA. Em suas narrativas, encontram-se elementos significativos que vão se manifestando em cada lembrança construindo a partir de uma narrativa livre, em que a liberdade de construção das ideias vai dando espaço à produção de sentidos de vida e de profissão.

¹ Mecanismo destinado à obtenção de certo fim. (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2013, <https://dicionario.priberam.org/dispositivo> [consultado em 25-11-2018].)

Como professora pesquisadora em formação optei pelas entrevistas narrativas, pois assim pude ter uma atitude de escuta sensível e em vários momentos me vi envolvida nos relatos dos colaboradores e pude entender o conteúdo trazido em suas falas, uma vez que as perguntas que estruturam um roteiro não possuem um caráter interrogativo e sim solicitam, ou pedem, que os colaboradores narrem as suas histórias de vida. “Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.” (MUYLAERT et al, 2014, p.194).

As entrevistas narrativas foram inicialmente apresentadas pelo sociólogo alemão Fritz Schütze como parte de sua teoria da pesquisa autobiográfica, sendo atualmente utilizados por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento ao redor do mundo. Uma de suas características é a denominada coda² narrativa que possui um cunho linguístico-interpretativo que permite, e até certo ponto exige, que o entrevistador encontre, nas falas do entrevistado, os pontos que indicam um término ou um “corte” nas lembranças que estavam sendo contadas, sendo esta é uma característica que demanda, um certo preparo, no que diz respeito a capacidade de abstração, interpretação e percepção, por parte do entrevistador-pesquisador (MENEZES, 2016).

A forma com que me aproximei dos colaboradores para registrar as suas histórias de vida foi de maneira a deixá-los confortáveis, como uma conversa em que eles aos poucos pudessem contar-me suas experiências. Muylaert et al destaca:

É importante, ainda, que o pesquisador acolha bem o informante e tenha uma escuta comprometida que permite obter pistas para captar a senha que é o portal de acesso ao informante. Assim, para obter bons resultados o pesquisador deve ter uma grande capacidade de interação com o outro, uma disponibilidade psicológica para ouvir e habilidades de escrever as experiências analisadas (2014, p. 196).

Um dos objetivos das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do colaborador, mas compreender os contextos que elas foram construídas e os fatores que influenciaram as mudanças e motivações destes, a interpretação das narrativas também é um desafio, pois não há a intenção de acabar com as possibilidades de análise, mas realizá-la de forma que possa abrir novos sentidos. Devemos retirar dos dados o que

² A coda seria a parte que demarca o fim da narrativa e que traz o narrador e o ouvinte de volta à conversa e ao momento presente da interação (OLIVEIRA, 2013).

eles realmente significam, não impondo uma interpretação com base em teorias preexistentes (MUYLAERT et al, 2014).

Assim, ao longo da entrevista busquei realizar de forma aberta, para assim, conseguir aproximar-me e conhecer um pouco de suas histórias de vida, desde a infância, na qual pude perceber que foi uma etapa negligenciada, pois em suas falas vi pessoas que precisaram lutar pela sua sobrevivência desde muito cedo, até a volta às salas de aula que para eles é uma nova oportunidade de buscar o que lhes foi tirado muito cedo: o conhecimento formal. Iniciei as três primeiras entrevistas com a seguinte pergunta: Por que você está aqui? Este questionamento chave teve como objetivo de conhecer os motivos que trouxeram os colaboradores para a Educação de Jovens e Adultos, pude assim tentar entender um pouco das experiências de cada um, que de forma tímida permitiram que eu pudesse contar suas histórias neste trabalho entrelaçando-as com a minha.

Desta forma, foram realizadas duas rodadas de entrevistas com os colaboradores da pesquisa: nos dias 15/08/2018 e 30/10/2018. As três primeiras rodadas de entrevistas foram transcritas e apresentadas a cada um dos entrevistados para leitura e aprovação, pois nada poderá ser analisado ou publicado sem o conhecimento do entrevistado (TERMO DE CONSENTIMENTO EM ANEXO). A segunda rodada foi importante para sanar as possíveis dúvidas que surgissem na escrita deste trabalho com respeito as narrativas dos colaboradores, além de dar a oportunidade para que eu pudesse saber mais sobre alguns eventos e pudesse aprofundar-me ainda mais nas experiências dos colaboradores.

A relação entre entrevistador e entrevistado é muito importante na entrevista narrativa, pois diferentemente de outros métodos de pesquisa, o pesquisador torna-se parte do processo, ao ouvir suas histórias, de modo que ambos saem modificados do encontro. Desta forma, Connelly e Clandinin (2000) compreendem a narrativa como uma forma de entender a experiência, sendo a experiência o fundamental a ser captado nas pesquisas.

A primeira entrevista com duração de quatorze minutos, foi feita com o aluno Determinado³, 53 anos, percebi na figura ali presente de um jovem senhor, comunicativo, bem-humorado e orgulhoso de suas conquistas na EJA, a entrevista durou cerca de quinze

³ Nome fictício escolhido através da característica que a partir de suas experiências chamou-me mais atenção como pesquisadora, pois a determinação do colaborador ficou clara em vários momentos da entrevista.

minutos e iniciou-se com uma pergunta simples, mas de importante significado: “Por quais motivos ele estava aqui?” Em sua fala pude perceber como a entrada no mercado de trabalho precocemente influenciou em sua desistência da escola. E como os objetivos de cursar a faculdade o moviam a estar ali, todos os dias, incentivando os colegas e não desistindo de seus objetivos.

A segunda entrevista com cerca de dez minutos de duração foi feita com a jovem Refúgio⁴, 16 anos, ao apresenta-la minha proposta de entrevista para a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso, me surpreendi, com a sua reação, ao pergunta-me: “Você não vai gravar meu rosto não, meu nome vai estar aí?” Expliquei novamente que queria somente ouvi-la e se ela autorizasse gravaria apenas o áudio e assim iniciei a conversa a partir da pergunta norteadora e, em sua fala baixa e tímida vi uma jovem afetada diretamente pela falta de estrutura familiar e de políticas públicas que encontrou muito cedo nas drogas o alívio para suas dores.

A terceira entrevista com duração de vinte e um minutos com a jovem senhora Resistência⁵, 48 anos, me trouxe uma grande mistura de alegria e sofrimento, vi uma senhora muito animada em aprender, que conseguiu através da EJA uma de suas maiores conquistas, assinar o nome em seus documentos, no qual fez questão de mostrar-me orgulhosa, dizendo: “eu consegui professora, entrei pra escola pra conseguir isso, assinar meu nome, e vou conseguir ainda mais”, confesso que sua história me emociona, perdeu os pais ainda criança, deixou os estudos para (sobre)viver e foi violentada sexualmente aos 14 anos e hoje com o apoio do marido e dos filhos, enfrenta o cansaço todos os dias e segundo ela “não perco um dia de aula” para realizar seu próximo sonho, cursar a faculdade de gastronomia.

A quarta entrevista com duração de dezesseis minutos da senhora Resiliência⁶, 64 anos, foi o ponto de partida para a escrita deste trabalho, a partir de suas experiências que os meus questionamentos iniciaram-se ainda no princípio de minha jornada universitária. Pois, em sua fala percebi como a influência familiar para encontrar “logo um marido” e permanecer com ele, mesmo após inúmeras agressões psicológicas e físicas contribuindo para que a volta aos estudos fossem cada vez mais tardia.

⁴ Refúgio foi o nome dado a jovem entrevistada, porque infelizmente em sua fala pude perceber que foi nas drogas que ela encontrou um lugar para fugir apenas por alguns instantes de sua própria vida.

⁵ O nome fictício escolhido através das experiências da colaboradora, que a todo momento mostrou-me que não cedeu as tristezas e castigos da vida e que tornou-se cada vez mais forte e usará disso para conseguir atingir seus objetivos.

⁶ O nome fictício foi escolhido pela capacidade da colaboradora de adaptar-se as mudanças por sua história estar atrelada a minha e pude notar isso pessoalmente.

A entrevista com a senhora Resiliência (minha mãe) iniciou-se de uma forma diferente, com a seguinte pergunta norteadora: Como a senhora conheceu a EJA, e se em algum momento pensou em desistir de voltar aos estudos? O objetivo das perguntas norteadoras foram além de conhecer como foi a sua volta as salas de aula, mas entender também quais foram as dificuldades enfrentadas, pois como já citei anteriormente, estive presente e apesar de na época ser uma criança, percebia os contratempos que ela enfrentava para estar ali.

As lembranças e experiências que ficaram marcadas nos colaboradores foram muito importantes para a elaboração deste trabalho, uma vez que “nas entrevistas narrativas se considera que nossa memória é seletiva, lembramos daquilo que “podemos” e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente” (MUYLAERT et al, 2014, p.195). Foram essas memórias que ficaram marcadas em mim que motivaram a escrita para esta monografia.

Pude ser tocada pessoalmente pela singularidade de cada uma das histórias de vida, mas destaco aqui a fala de Resistência: “com 14 anos fui “*estruçada*” e tive que criar minha filha, que resultou de um “*estupro*”. Ao escutá-la fui pega de surpresa, não esperava me deparar com uma história tão forte e marcante, e posso definir que nesse momento fui atingida por um “soco no estômago” e que por alguns momentos me desestabilizou, saí do papel de pesquisadora e entrei no papel de mulher, mãe, que só conseguia sentir empatia por aquela jovem senhora. Esta situação experienciada me fez lembrar sobre a importância da:

[...] construção da intimidade entre o entrevistador e entrevistado permite ao pesquisador desprender-se do papel de controlar o discurso do participante, se está adequado ou não ao material que o pesquisador almeja obter. Ao propor que o entrevistado discorra livremente a partir de uma questão aberta, a investigação possibilita o não condicionamento das respostas, o que propicia para o sujeito da pesquisa a construção gradativa de uma história com tendências próprias, em que os conteúdos implícitos e os não ditos, possam emergir com maior naturalidade e comprometimento com a realidade cotidiana (MUYLAERT et al, 2014, p. 196).

Pude perceber que o método das entrevistas narrativas foi o instrumento mais adequado a fim de realizar esta pesquisa, rompendo com as entrevistas tradicionais com perguntas e respostas, buscando um instrumento de geração de narrativas que entenda os sujeitos a partir de suas próprias falas e relacionando-as com a minha história de vida e perspectiva como professora pesquisadora em formação. Assim, lembro-me de que “as narrativas permitem ir além da transmissão de informações ou conteúdo, fazendo com

que a experiência seja revelada, o que envolve aspectos fundamentais para compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto em que está inserido” (MUYLAERT et al, 2014, p. 198).

Após as duas rodadas de entrevistas fiz as análises das mesmas, primeiramente de forma individual, em que transcrevi a fala de cada colaborador a fim de conhecer os elementos caracterizadores de suas vidas, e qual foi o caminho que percorreram até chegarem na Educação de Jovens e Adultos. Em seguida interpretei os elementos a partir das narrativas buscando pontos em comum e semelhanças entre eles, buscando assim convergências e divergências nas trajetórias individuais para identificar trajetórias coletivas (SCHÜTZE, 2011). Por último relatei as narrativas dos alunos da EJA, com a minha própria história de vida compondo assim suas histórias de vida e entrelaçando-as com o meu percurso de formação docente. Assim como outras pesquisas em torno das narrativas, este trabalho busca ampliar e produzir conhecimento sobre a Educação de Jovens e Adultos a partir das histórias de vida dos próprios sujeitos que estão inseridos nela que muitas vezes tem suas vozes silenciadas pela sociedade.

2 REVELAR-SE NAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES DA EJA

Para iniciar este segundo momento, no qual pretendo contar as histórias de vida dos colaboradores, revelo alguns questionamentos que me fiz como pesquisadora e a relação que criei com os colaboradores. Na segunda rodada de entrevistas estive com cada um deles e ao mostrar as suas histórias escritas pude perceber suas reações individualmente, com a jovem senhora Resistência emocionei-me mais uma vez, ao solicitar que ela me desse permissão por escrito para contar sua história, obtive a seguinte resposta: *“Se é pra você estudar minha filha, eu assino, eu não tive essa chance, mas você tem e o que eu puder ajudar, eu vou”*⁷.

Neste momento as palavras utilizadas por Resistência foram de tanto conforto, num momento tão particular desta pesquisa, em que me encontrava com inúmeros questionamentos sobre a minha capacidade em conseguir finalizar este trabalho de uma forma que possa fazer com que os futuros leitores pudessem sobretudo olhar mais atentamente para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. O que escutei me fez lembrar das palavras de Larrosa (2002, p. 21), ao escrever sobre a importância das palavras: *“Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”*, sim as palavras fazem coisas conosco, naquele instante recomfortaram-me e me encheram de coragem para continuar. Percebi durante a escrita deste trabalho que o meu processo formativo como professora em formação tornou-se cada vez mais forte, refleti com mais clareza que tipo de profissional da educação pretendo ser, quero olhar para os meus futuros alunos da mesma forma que pude fazer com os colaboradores, considerando suas histórias, seu percurso para chegar a escola, suas dificuldades e suas realizações, ter a oportunidade de escutar cada história de vida despertou-me para o fato de que posso ser como professora uma mistura de todas as faces de mim desde filha, mãe, profissional e esposa, não preciso fragmentar-me para estar em sala de aula, e posso sim olhar com sensibilidade para cada aluno.

A cada reação dos colaboradores uma surpresa diferente abria-se para mim, a jovem Refúgio ao ler a sua entrevista pediu-me para ficar com ela, pois *“aqui tem uma parte da minha história e um dia eu vou escrever um livro com todas elas e você vai me*

⁷ A fala dos colaboradores estará em itálico para diferenciar das citações dos autores que fundamentam esta pesquisa.

ajudar”. Nessa segunda rodada de entrevistas, a colaboradora informou-me sobre o falecimento de sua mãe que morava nas ruas tomada pela sua dependência química, e por mais uma vez, desconstruir-me do que para mim seria o papel de uma professora-pesquisadora para consola-la.

Nesse instante percebi que a relação entre pesquisador e colaborador, que por muitas vezes para mim deveria ser distante, tornou-se próxima, pois vejo em Resistência a figura de minha avó materna, que não teve estudo, mas que em nenhum momento se abalou com os percalços da vida, e nunca deixou a “peteca cair⁸”, vejo também em Determinado a força de vontade de meu pai, que assim como o colaborador incentiva e propicia para que seus filhos tenham as melhores oportunidades possíveis, esteve comigo sempre presente, levando-me para o vestibular da UEA, acompanhando-me posteriormente na entrega dos documentos para a matrícula e lutando ao meu lado até hoje, e em Refúgio vejo talvez a mim, se não tivesse a estrutura oferecida pelos meus pais e irmãos mais velhos, será que talvez não me encontraria em uma situação próxima a sua?

Ao contar as suas histórias os colaboradores podem trazer os momentos vividos à tona, tudo que ficou guardado em suas memórias, emocionar-se, alegrar-se e assim recorro novamente a Larrosa (2002, p. 21), que ao definir a palavra experiência explicou exatamente o sentido dos relatos descritos neste trabalho: “Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Dessa forma que busco interpretar seus relatos, relacionando-os com a minha história de vida. Espero conseguir contar as suas histórias e transmitir a força de suas palavras e assim refletir sobre quem são os alunos da Educação de Jovens e Adultos, como suas trajetórias são únicas e quantas dificuldades eles enfrentaram para estar em sala de aula.

⁸ Termo utilizado pela colaboradora Resistência ao definir sua trajetória de vida.

2.1 CIRANDAS DE VIDAS: DETERMINADO, REFÚGIO, RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

*Levo minha casa comigo
Que é feita de Cascadura
Pra proteger do inimigo...
Eu entro na casca dura
Que é a casa da tartaruga*

(Palavra Cantada)

A letra acima para mim representa quem são os alunos da EJA que ao chegarem em sala de aula trazem consigo sua bagagem, história de vida, que aqui é representada pelo casco da tartaruga que muitas vezes é utilizada por eles para se protegerem dos perigos ou inimigos que enfrentam para voltar a escola. A ideia de utilizar a letra de uma canção infantil como epígrafe surgiu em uma das tardes em que estava com a minha filha, enquanto a aconchegava para dormir cantava essa canção que naquele momento revelou-se com um outro sentido, mostrando que o papel de professora e pesquisadora em formação estavam muito mais entranhados em mim do que eu imaginava.

A concepção de utilizar o termo ciranda para contar as histórias de vidas dos colaboradores surgiu através da ideia de movimentação, ao iniciar o processo de escrita de todas as entrevistas pude perceber que apesar de percorrerem caminhos muito diferentes para chegarem até a Educação de Jovens e Adultos, em alguns pontos essas histórias se cruzam e é partir dessas histórias que darei continuidade a este trabalho.

Apresentei a proposta deste trabalho ao colaborador Determinado, um jovem senhor de 53 anos de fala pacata, com respostas firmes, que sonha cursar a faculdade de Engenharia, a entrevista que foi realizada na biblioteca da escola, ocorreu de forma bem calma e tranquila, iniciei com a pergunta: Por quais motivos o senhor está na EJA? E assim comecei a entrevista narrativa na qual tentei deixá-lo a vontade para me contar sua trajetória para chegar até a EJA.

Para Determinado, o fato de ter que ajudar no sustento da família e o serviço militar contribuíram para que abandonasse os estudos ainda na adolescência. A necessidade de ter que cooperar desde cedo fez com que a escola não se tornasse prioridade.

Naquela época eu era jovem, estudei aqui na terceira ou quarta série, mas tive que parar para prestar serviço militar e abandonei os estudos, depois comecei a trabalhar no Distrito, e não procurei mais estudar, precisava trabalhar para ajudar no sustento da família (Determinado, 2018).

O trabalho infantil é uma realidade que está presente em nossa sociedade a tempos. Acelerando o processo de desenvolvimento das crianças, atribuindo-lhes responsabilidades cada vez mais precocemente.

Na fala da colaboradora Resistência de 48 anos, o trabalho infantil foi um dos fatores que aceleraram o abandono escolar, sua entrevista foi marcada por um tom mais forte e ao mesmo tempo extrovertido, Resistência leva com uma certa leveza todas as dificuldades enfrentadas no decorrer de sua vida.

Sabe professora eu perdi os meus pais muito cedo, com 8 anos de idade eu tinha que trabalhar porque eu não tinha mais mãe, quando eu fiz 10, 11 anos meu pai faleceu, de 10 pra 11, então eu fui criada, eu e Deus e a minha vida, meus irmãos moravam em áreas diferentes e tinham que sobreviver e na minha cabeça ou eu trabalhava para comer ou eu ia morrer de fome, essa foi a minha jornada, durante toda minha idade até a que eu tenho hoje (Resistência, 2018).

As autoras a seguir afirmam:

O trabalho infantil está presente desde a Revolução Industrial. O surgimento da máquina, comandando e substituindo o trabalho realizado pelo trabalhador, e a extrema concorrência entre empresários que procuram produzir mais com menor custo, vão possibilitar o aparecimento de emprego mão de obra infantil (COSTA e CALVÃO, 2005, p.135).

A criança vive um mundo que não pertence a ela, pulando etapas, ao invés de estar se conhecendo para aos poucos descobrir o mundo ao seu redor, ela é arrancada do ambiente escolar e inserida num espaço que ela não compreende, tornando-se um adulto antes mesmo de ter vivido a infância, o brincar, imaginar e criar.

Se o trabalho infantil, por um lado, compromete seriamente o desenvolvimento físico e intelectual da criança, por outro, impetra a morte da vida infantil, ou seja inviabiliza o viver a infância, o que revela muitas contradições da ordem vigente (COSTA e CALVÃO, 2005, p.131).

Se por um lado o trabalho infantil foi um fator determinante para o abandono escolar, não posso deixar de considerar que as condições para estudar dos mais velhos eram muito mais difíceis e o acesso era mais restrito do que atualmente, a colaboradora

Resiliência, de 64 anos que foi o ponto de partida para a escrita desse trabalho relembra as condições para se estudar na década de 60:

Eu fiz meu primeiro ano lá em 1964, na década de 60 e após o primeiro ano, já fui no ano seguinte, no terceiro ano do Ensino Fundamental, naquele tempo era o primário, eu fiz e fui aprovada para o terceiro ano e em diante, e no quinto ano, eu fiz uma prova de avaliação para ir pro ginásio, hoje o ensino fundamental II, e não consegui ser aprovada, aí fiz novamente o quinto ano e no ano seguinte, em 1967, eu fui para o primeiro ano ginasial e com muitas dificuldades, a minha escola onde eu fiz o primário era muito longe, muito longe mesmo, não tínhamos naquela época, o que se tem hoje, a carteirinha estudantil, a gente dependia ou de andar a pé no sol e na chuva ou então de pedir carona dos motoristas de ônibus na época, quando a gente conseguia a gente vinha a pé mesmo, e isso realmente cansava muito, desgastava muito, a gente se sentia realmente cansada de ir pra aula (Resiliência, 2018).

Analisando a questão do fracasso escolar no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, período citado pela colaboradora Resiliência o autor destacou que:

Dos 1000 alunos iniciais de 1960, somente 56 conseguiram alcançar o primeiro ano universitário em 1973. Isso significa taxas de evasão 44% no ano primário, 22% no segundo, 17% no terceiro. A elas se associam taxas de reprovação que entre 1967 e 1971 oscilavam em torno de 63,5%. (FREITAG, 1980 p.61).

Resiliência continua lembrando sua trajetória escolar até abandonar os estudos por completo:

Eu consegui terminar meu primário, e também outra avaliação de português e matemática, fui para o primeiro ano do ginasial, e só que devido as dificuldades, tendo que pegar trem, não tendo carteira estudantil, tendo que pagar transporte, eu não consegui ser aprovada para o segundo ano ginasial, eu repeti o primeiro ano, não tínhamos acesso ao uniforme, material escolar, livro didático, nada disso, tudo era comprado e a minha família não tinha condições de me manter, e isso fez com que não sou eu, mas muitas jovens da minha época desistissem dos estudos fossem trabalhar, e aí eu parei os estudos, posso dizer que eu parei (Resiliência, 2018).

Foram diversos fatores que levaram os colaboradores a abandonar a escola. O fracasso escolar pode ser abordado a partir de fatores externos como: as necessidades de o aluno trabalhar, as condições básicas para a aprendizagem pela criança as desvantagens culturais, e as condições da família destacando-se o nível de escolaridade dos pais e o não acompanhamento dos filhos em suas atividades escolares. (QUEIROZ, 2006). Sobre as condições de vida da família resultante das diferenças sociais. O autor afirma:

É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças

entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classe. As políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais. (ARROYO, 1993, p.21).

A retomada aos estudos pelos colaboradores deu-se por motivos diversos. Para Determinado após trabalhar por muitos anos no Distrito Industrial, na área da qualidade, viu-se desempregado em 2014, e decidiu retornar aos estudos para facilitar sua reinserção no mercado de trabalho, como é possível ver na fala a seguir:

Agora estou desempregado, até 2014 eu trabalhava, eu era inspetor de controle de qualidade, eu não tinha o ensino médio, mas eu tinha conhecimento, tenho na minha carteira essa profissão de controle de qualidade, mas como eu não estou trabalhando eu pensei que não poderia ficar sem fazer nada, então eu pensei, vou voltar a estudar, o mercado de trabalho está muito competitivo, tem muita gente aí querendo arrumar um emprego e não tem qualificação nenhuma, é ruim então eu decidi voltar a estudar (Determinado, 2018).

Devido ao mercado de trabalho exigir cada vez mais do trabalhador, a qualificação é uma necessidade, e a proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos assume que:

Estão sendo desenvolvidas novas tecnologias e novas formas de organizar a produção que elevam bastante a produtividade, e delas depende a inserção competitiva da produção nacional numa economia cada vez mais mundializada. Essas novas tecnologias e sistemas organizacionais exigem trabalhadores mais versáteis, capazes de compreender o processo de trabalho como um todo, dotados de autonomia e iniciativa para resolver problemas em equipe. Será cada vez mais necessária a capacidade de se comunicar e de se reciclar continuamente, de buscar e relacionar informações diversas. O outro lado da moeda do avanço tecnológico é a diminuição dos postos de trabalho, que torna a disputa pelo emprego mais acirrada. Níveis de formação mais elevados passam a ser exigidos na disputa pelos empregos disponíveis (BRASIL, 2001, p.39).

Muito além de apenas buscar qualificar os jovens e adultos para profissionalizar-se, a EJA busca pensar novas possibilidades para construir histórias de vida em que o aluno possa ter acesso a uma educação de qualidade, confirmando o pensamento de Freire (2005, p.8): “Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história”. Dessa forma, o aluno da EJA toma consciência de sua existência e da realidade a sua volta. Um exemplo é o

que buscou quando a colaboradora Resistência retornou as salas de aula para conseguir realizar o objetivo de aprender a assinar o nome, para tirar novos documentos, ela relata:

No ano trasado eu me matriculei na escola pra mim aprender assinar o meu nome porque minha identidade era só com o dedo e eu tinha vergonha de amostrar a minha identidade e pra quem for que seja eu dizia que não tinha, e eu me matriculei pra isso, só pra aprender a assinar meus documentos, eu fiz isso, estudei um ano, quando eu aprendi a assinar meu nome e eu gostei e continuei (Resistência, 2018).

Paulo Freire fala sobre a importância da leitura e da escrita na visão dos que não tiveram a oportunidade do letramento:

O analfabeto principalmente os que vivem nas grandes cidades, sabe mais de que ninguém, qual a importância de saber ler e escrever, para a sua vida como um todo. No entanto, não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia comida e mesmo de trabalho. Essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais na sociedade (FREIRE, 2006, p. 70).

O ato de ler e escrever vai muito além da memorização de sílabas ou palavras, é a oportunidade de refletir criticamente sobre esse processo, o aluno precisa compreender o que está sendo ensinado e como poderá aplicar isso em sua vida fora da escola, pois “aprender a ler e a escrever pode ajudar uma pessoa a ser livre” (FASHEH, 1999, p. 166).

O conceito de leitura para Freire (1989, p.13) mostra a dimensão para os adultos: “Sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador”, como futura professora ao refletir sobre as palavras de Freire, consigo perceber a grande função que a EJA exerce na vida dos alunos, a leitura e a escrita que para muitos como eu deu-se na idade certa e vista como algo ‘natural’ na escola, para eles é uma conquista diária.

Já a colaboradora Resiliência, conheceu a EJA através do programa Tempo de Acelerar, como o próprio nome já o conceitua, foi implementado pela SEDUC/AM, de 2001 a 2008, para acelerar os estudos do público acima de 15 anos de idade da rede pública estadual de ensino.

O propósito declarado desse projeto seria o de corrigir o fluxo de alunos jovens e adultos que parecia constituir uma demanda reprimida da modalidade EJA no momento em que foi implantado no Estado do Amazonas, e fez parte de um conjunto de medidas pontuais para a educação que vinha sendo implementado tanto pelo governo federal como

pelos estaduais em resposta à precariedade da educação pública brasileira. Sendo retratada também pela distorção idade/ano-escolar, que por sua vez é um indicador do que se tem denominado fracasso escolar. Sua concepção, contudo, não se deu a partir dos anseios da sociedade amazonense, mas de um acordo entre o governo do Amazonas e uma instituição privada: a Fundação Roberto Marinho (FERREIRA, 2011).

Resiliência relata sobre a experiência de cursar o Ensino Fundamental e posteriormente o médio em um ano:

No final do ano ao ser aprovada pra sexta foi me apresentada a EJA, na verdade o tempo de acelerar, em que eu poderia cursar o ensino fundamental em um ano, e eu aceitei esse desafio, e no ano seguinte de 2002, eu conclui a segunda parte do ensino fundamental e eu consegui ser aprovada e consegui concluir e da mesma maneira foi me apresentada a concluir o ensino médio também em um ano, eu achei que não iria conseguir, mas resolvi tentar, e no ano de 2003, eu dei início e para a minha surpresa eu consegui concluir o ensino médio no ano de 2003 (Resiliência, 2018).

A expectativa de conseguir retornar ao mercado de trabalho é uma das grandes motivações de Determinado, estar qualificado para esse retorno é crucial, ao conseguir uma entrevista de emprego, ele com empolgação relatou:

Uma vez fui fazer um teste e vi muita gente lá, muito jovem e muita gente perdida, que não conseguiram responder quase nada do teste e a mulher lá chamou: “Pessoal vocês não responderam quase nada e isso é ruim”, eu respondi com os meus conhecimentos, respondi mas não deixei nada em branco, muita gente não foi chamada para a entrevista e ficou ali mesmo, eu cheguei, o rapaz gostou de mim, eu disse que não tinha o estudo, mas ele disse: “o senhor tem o conhecimento que estou precisando,” mas o meu irmão trabalhava nessa empresa, só que ele trabalhava em outro galpão, e eu não pude entrar porque era norma da empresa (Determinado, 2018).

Ao escutar esse relato questionei-me: como Determinado conseguiu trabalhar por muito tempo em uma área complexa que exige muito conhecimento especialmente na área Matemática e pode fazer uma boa entrevista com os seus saberes? Isto me fez refletir que os alunos da EJA não chegam a sala de aula como tábuas vazias de conhecimento, de acordo com MEC, na Proposta Curricular para a Educação de jovens e adultos:

Eles chegam à escola já com uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo de histórias de vida as mais diversas. São donas de casa, balconistas, operários, serventes da construção civil, agricultores, imigrantes de diferentes regiões do país, mais jovens ou mais velhos, homens ou mulheres, professando diferentes religiões. Trazem, enfim, conhecimentos, crenças e valores já constituídos. É a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e visões de mundo que cada jovem e adulto pode se

apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico e original, sempre da perspectiva de ampliar sua compreensão, seus meios de ação e interação no mundo (BRASIL, 2001, p. 41).

Estar em sala de aula é um grande desafio para os colaboradores, mas tornou-se também um momento de grande partilha e incentivo de uns aos outros, muitas vezes o desânimo é maior e muitos pensam em desistir, por isso o aluno Determinado se esforça para ajudar aos colegas, conforme ele relata:

Eu sempre procuro a incentivar eles a não desistir, porque mais tarde, você vai querer arrumar um emprego e sem uma qualificação você não vai conseguir nada ou algum serviço pesado, então se você quer algo melhor, tem que estudar ne, uma profissão com boa remuneração ne (Determinado, 2018).

Resistência também fala da volta a sala de aula em sua fala:

Só voltei a estudar com 46 anos de idade e olha professora eu senti e eu sinto tanta dificuldade, por causa da minha idade, eu tenho até vergonha, tem muita aluna novinha, mas a nossa professora é muito legal com a gente, ela é tranquila com a gente, ela ensina, ela diz que não é pra ter vergonha não e eu já avancei, eu não sabia escrever, eu era cega pra escrever, e agora não, ela escreve lá na lousa e eu copio muito bem no meu caderno, pra quem queira ver meu caderno, eu escrevo bem direitinho, eu só não sei ainda ler, mas se você escrever qualquer coisa eu já copio e isso pra mim já é um avanço (Resistência, 2018).

O retorno a escola por parte dos colaboradores apresentam motivos individuais e distintos. O autor Gonçalves (2014, p.11) destaca: “os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola e o objetivo principal, não é necessariamente, a busca por certificações ou conclusão formal”.

Leão (2006, p.36) reforça que “a escola é uma experiência em que entram em ações valores, projetos de vida, expectativas [...]” e atenta ainda que “[...] a motivação do jovem diante da escola se dará em face da forma como cada um elabora sua experiência de crescer em meio à desigualdade social e do significado que a educação irá adquirir em sua vida.”

Percebendo essa diversidade de motivos e objetivos de retorno a escola por parte das colaboradoras, devemos considerar a afirmação de Rieger e Jesus (2011, p. 168) que: “as mulheres buscam na escola mais do que conteúdos prontos a serem reproduzidos, como cidadãs elas querem se sentir ativas e participativas e algumas sonham em conseguir frequentar uma faculdade.”

A volta à escola dá-se por diversos motivos. Esse retorno exigiu quebra de barreira e paradigma, já que as colaboradoras em algum momento abandonaram a educação formal e posteriormente tiveram que se superar tantas barreiras para garantir o retorno. (CITTADIN e BADALOTTI, 2015). O retorno à escola “significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade” (OLIVEIRA, 1996. p. 37).

Resistência falou sobre as diferenças de idade e como isso para ela é positivo:

Aqui tem gente de todas as idades e eu acho bom, porque tem gente mais velha que eu, tem menina de 30, menino de 15, um dia desses a gente fez o aniversário de um menino de 16 anos, só sei que a gente fez, a gente vai conhecendo e eu gosto (Resistência, 2018).

Essa diversidade em sala de aula pode ser notada quando Bannel (2001, p.122) afirma: “cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamentos, etc.[...]”.

Determinado deixou claro que apesar de incentivar aos colegas, o desinteresse dos mais jovens fica evidente a atrapalha até as aulas, conforme suas palavras:

Eu vejo muitos jovens desistindo porque não tem o interesse de estudar, vem pra aula só pra bagunçar, e atrapalham os que querem realmente estudar, ficam fazendo brincadeira, as vezes o professor chama a atenção e a pessoa não se retira (Determinado, 2018).

O MEC, na Proposta Curricular para a Educação de jovens e adultos aponta as dificuldades muitas vezes enfrentadas com relação aos alunos mais jovens:

[...] Com relação aos adolescentes, essa situação tende a ser diferente. Especialmente nos centros urbanos, eles estão normalmente retornando depois de um período recente de sucessivos fracassos na escola regular. Têm, portanto, uma relação mais conflituosa com as rotinas escolares. Com relação a eles, o grande desafio é a reconstrução de um vínculo positivo com a escola e, para tanto, o educador deverá considerar em seu projeto pedagógico as expectativas, gostos e modos de ser característicos dos jovens. [...] (BRASIL, 2001, p. 43).

Pude perceber a dificuldade em lidar com os mais jovens como a colaboradora Refúgio, pois ao voltar a escola novamente para mostrar as entrevistas digitadas e obter a aprovação deles, a adolescente de 16 anos não estava na escola, fiquei aguardando até que ela chegasse, mas ao perceber a minha dificuldade em encontrá-la, o porteiro

perguntou-me sobre quem era a colaboradora, expliquei de quem tratava-se e ele ponderou: *“Ah sim, eu conheço, ela tá lá em cima, com a amiga, tá gazetando aula, mas eu tenho o número dela, vou ligar”*, somente após a ligação que eu consegui encontrá-la e conversar.

A Educação de Jovens e Adultos apresenta inúmeros perfis para os seus alunos, durante algum tempo a ideia de que as salas de aulas da Eja era frequentada exclusivamente por idosos permaneceu comigo, no entanto pude perceber o grande número de jovens assim como Refúgio e as dificuldades em lidar com as suas questões emocionais, especialmente com o fato de terem a autoestima baixa oriundas de várias repetências. O MEC, na Proposta Curricular para a Educação de jovens e adultos especifica a questão do jovem:

Nos mais jovens, é comum que a baixa auto-estima se expresse pela indisciplina e auto-afirmação negativa (“se não posso ser reconhecido por minhas qualidades, serei reconhecido por meus defeitos”). Em qualquer dos casos, será fundamental que o educador ajude os educandos a reconstruir sua imagem da escola, das aprendizagens escolares e de si próprios (BRASIL, 2001, p. 43).

A jovem Refúgio vem de uma estrutura familiar bastante abalada, de todas as entrevistas foi a mais rápida e a que eu encontrei maior dificuldade em aplicar a proposta de entrevista narrativa, suas respostas eram muito curtas, sua voz baixa e tímida e por muitos momentos tive que lidar com o silêncio de sua parte, ela já iniciou citando o fato da falta da presença paterna:

Bom pra começar e tá por aqui eu tenho que te falar que foi a minha mãe que me criou, eu não tive a presença de pai, ela me mandava pra escola junto com os meus irmãos, mas ela não acompanhava, então a gente ia pra escola só pra brincar, as vezes a gente fugia da escola, eu e os meus irmãos, minha mãe era usuária de drogas, então isso fez que a minha família fosse um pro lado outro pro outro, minha irmã saiu de casa muito cedo, eu e o meu irmão mais novo saiu também (Refúgio, 2018).

Ela continua explicando sua trajetória de vida até chegar a EJA e como iniciou precocemente no uso de drogas:

A minha mãe começou a viajar e a gente ficava muito sozinho, então desde o meu 9, 10 anos eu ficava sozinho, parei de estudar e comecei a sair pra festa, não queria saber de estudar só queria estar na rua, comecei a usar droga e me perdi no mundo (Refúgio, 2018).

A desestruturação da família de Refúgio, contribuiu para que ela abandonasse a escola muito cedo, a omissão do Estado em acolher a criança que não frequentava as salas de aula desde os dez anos fez-me refletir quantas jovens já passaram por situação semelhante desamparadas pela família, esquecidas pela sociedade, à margem de suas comunidades, tendo que lidar com situações tão complexas. Segundo as autoras:

A gravidade do quadro de pobreza e miséria, no Brasil, constitui permanente preocupação e obriga a refletir sobre suas influências no social e, principalmente, na área de atuação junto da família, na qual as políticas públicas ainda se ressentem de uma ação mais expressiva. O Estado deve assegurar direitos e propiciar condições para a efetiva participação da família no desenvolvimento de seus filhos, porém os investimentos públicos brasileiros, na área social, estão cada vez mais vinculados ao desempenho da economia. (GOMES; PEREIRA, 2004, p. 359).

A gravidez na adolescência também foi um dos fatores que a levou para um abrigo, e o nascimento de sua filha fez com que ela revisse algumas de suas atitudes:

Engravidar e me juntei com 14 anos, mas não deu certo, minha irmã depois de mim foi pra um abrigo, eu me separei do pai da minha filha porque ele não queria mudar a vida dele e eu queria mudar a minha por causa dela, e eu não queria que ela visse o que eu fazia, por isso eu estou aqui estudando (Refúgio, 2018).

Ela continua explicando sobre o que espera para o futuro da filha:

Pela minha filha, tô aqui para ela ter algo melhor que eu não tive, eu tive ela com 15 anos e moramos no abrigo, lá eles são pessoas muito legais, incentivam a gente a fazer cursos, agora não estou fazendo porque preciso melhorar as minhas notas, eu quero que no futuro a minha filha estude também, tenha a casa dela, não engravide cedo, e consiga ter as coisas dela (Refúgio, 2018).

Quando ouvi a história de Refúgio senti que aquela jovem de fala tão tímida e voz baixa enfrentou situações tão difíceis, teve que lidar com a chegada de uma nova vida e tentar pensar num futuro melhor para as duas, pois não havia ninguém para ajudá-la, a experiência em ouvir sua história sem dúvidas me modificou como pessoa, mãe e futura docente, pois nem todas tiveram as mesmas oportunidades que eu tive e refletir sobre isso é um grande movimento de empatia e com certeza influencia na minha formação.

A história de vida da jovem Refúgio apresenta ao mesmo tempo singularidades que pertencem somente a ela, mas também temos alguns pontos em comum com a

colaboradora Resistência, são trinta e dois anos de diferença entre elas, mas assim como Refúgio, a colaboradora Resistência enfrentou a falta de uma estrutura familiar, mas diferentemente da jovem sua saída deu-se no trabalho:

É muito ruim sabe, você não ter um pai, pra te dizer que você tem que fazer isso ou não, e quando você olha pra direita, pra esquerda e você não vê ninguém, ao menos pra falar assim: “minha filha, faz assim”, então você sente que não é ninguém, pra minha sorte eu nunca pensei em usar droga, vender maconha, roubar, eu sempre na minha cabeça pensei, que eu tinha que trabalhar e eu trabalhava pra mim comer, pra mim me alimentar, pra mim viver, não era pra outra coisa (Resistência, 2018).

A gravidez na adolescência foi uma das referências na vida das colaboradoras, para Refúgio foi a oportunidade para mudar sua vida e sair do vício nas drogas, já para Resistência a gravidez veio após a violência sexual e foi mais um fator que atrasou sua volta às salas de aula:

E quando aconteceu o estupro, eu tive a minha filha mais velha, eu tinha que pedir dinheiro, porque eu tinha que comprar as coisas pra ela, minha irmã me ajudou muito, porque naquela época um de menor era proibido de registrar uma criança, e minha irmã assumiu, assumiu assim de criar a minha filha, e não assumiu em sustentar a minha filha, esse era o meu papel, mas isso pra mim atrapalhou muito por eu não ter aprendido a ler nem a escrever (Resistência, 2018).

Como futura professora que espera atuar na Educação de Jovens e Adultos sinto que tenho que estar preparado para a multiplicidade de alunos que receberei, compreendendo a necessidade de respeitar a pluralidade cultural, as identidades. Educar jovens e adultos, hoje, não é apenas ensiná-los a ler e escrever seu próprio nome. É oferecer-lhes uma escolarização ampla e com mais qualidade.

A educação de jovens e adultos não deve se preocupar apenas em reduzir números e índices de analfabetismo. Deve ocupar-se de fato com a cultura do educando, com sua humanização, como também com a preparação para o mercado de trabalho como previsto nas diretrizes curriculares da EJA, e a mesma tem como funções: reparar, qualificar e equalizar o ensino (LOPES; SOUSA, 2004). Sobre conhecer a prática docente o autor afirma:

Conhecer a prática docente do professor que atua no campo específico da educação de jovens e adultos torna-se necessário também à compreensão específica deste tipo de ensino quanto à possibilidade de intervenções que objetivem uma educação de qualidade (acesso, permanência e aquisição de conhecimentos básicos à vida e ao trabalho (GUIDELLI, 1996, p. 13).

O olhar do professor da EJA para com os alunos requer muita sensibilidade em perceber quais são as necessidades dos alunos, ele precisa também se autoanalisar sobre suas práticas em sala de aula, ao escrever este trabalho pude perceber como isso é importante, revi minhas práticas enquanto aluna de Licenciatura em Pedagogia que precisa ainda mais buscar formas de atuar enquanto professora destacando as individualidades dos alunos considerando suas trajetórias e principalmente fugindo das práticas tradicionais. O autor a seguir afirma:

Compete ao professor, além de incrementar seus conhecimentos e atualizá-los, esforçar-se por praticar os métodos mais adequados em seu ensino, proceder a uma análise de sua própria realidade pessoal como educador, examinar com autoconsciência crítica sua conduta e seu desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade nacional lhe assinala como sua correta atividade (PINTO, 2000, p. 113).

Durante a minha formação acadêmica sempre tive dificuldades em me encontrar como professora, vi inicialmente na Pedagogia a perspectiva empresarial, área na qual trabalhei por alguns anos, foi somente na disciplina de estágio supervisionado que consegui enxergar-me como professora. Foi no último estágio que é voltado para a gestão, no qual pude conhecer mais profundamente a EJA que me encontrei mais intensamente com a docência, por isso a fala de Resistência ao contar como foi maltratada⁹ causou-me tanta indignação:

Foi por um professor, porque eu erre uma letra, eu botei a letra H, e era a letra A, ele rasgou e jogou no lixo, e eu juntei meu trabalho de volta e vim embora pra casa, quando foi no outro dia, eu vim aqui nessa escola, eu não vou citar o nome dele não, que Deus abençoe ele, ele não fez isso só comigo não, fez com mais alunos que não sabiam ler, eu confundi as letras, só confundi, ai ele fez isso, mas tava certo, só tava errado que eu confundi, ele não precisava ter jogado meu trabalho, por eu ter errado a letra, foi só isso que eu erre (Resistência, 2018).

As palavras de Resistência fez-me refletir sobre o meu papel enquanto docente. Que tipo de professora devo ser? Essa pergunta norteia minha formação e tornou-se ainda mais presente ao entrevistar os colaboradores, em cada história pude perceber como os alunos da Eja são únicos e como lidarei enquanto professora, senti-me frustrada, agredida e inconformada com o relato de Resistência sobre esse professor que ao meu ver nem

⁹ Expressão utilizada pela própria colaboradora durante a entrevista.

poderia ser nomeado assim, sua atitude além de não ser profissional vai de encontro a tudo que aprendemos na Universidade, e deixa claro a sua falta de respeito ao ser humano.

A atitude de jogar o trabalho da aluna e humilha-la foi totalmente discordante do que diz a Proposta Curricular para a Educação de jovens e adultos ao apontar qual deve ser a postura do professor de EJA com respeito a escrita dos alunos, pois será através das análises dos próprios erros que os alunos avançarão para escritas cada vez mais adequadas e complexas:

Os textos que os educandos encontram dentro e fora da escola são os modelos a partir dos quais eles aprendem a escrever. Para isso, será essencial a ajuda do professor, orientando-os na análise dos sons da fala e dos sinais escritos, chamando-lhes a atenção para as regularidades e irregularidades. O professor não pode simplesmente rejeitar os erros dos alunos, pois é baseando-se neles que se pode saber que tipo de ajuda oferecer. É a análise de seus próprios erros que possibilita aos novos escritores avançar para produções escritas cada vez mais adequadas. Na sala de aula, a produção de um texto deve ser compreendida como um processo que passa por várias reescritas, até que o produto seja satisfatório (BRASIL, 2001, p. 58).

Resistência continua a entrevista relatando que os professores da atual escola, nunca agiram desta forma, mas assim que se matriculou explicou suas dificuldades na leitura e um dos funcionários prontamente atendeu sua solicitação:

Aqui os professores não são assim, nunca jogaram fora, e eu já disse, na outra vez se jogarem eu vou denunciar, porque a gente saber, a gente ver pela televisão, que a gente tem os nossos direitos também, e só custava ele dizer: essa letra tava errado, não era essa, porque aí eu tinha feito, mas eu errei só isso mesmo, e ele jogou o meu trabalho fora, aí eu vim aqui e me matriculei, vim aqui com o rapaz dali, não sei o nome dele não, ele puxou tudinho pelo computador, sabe eu chorei muito na hora que ele fez isso, quase eu mando ele, mas eu engoli de volta, mas eu peguei as minhas coisas e vim me embora, ele disse que burra ele não queria lá, aí eu vim, quando eu cheguei aqui eu disse pro moço, eu não sei ler, escrever eu sei tando lá na lousa, eu sei, mas ler eu não sei não, ele disse pra mim: “não tem problema não, a senhora está aqui para aprender” (Resistência, 2018).

A valorização da capacidade do aluno da EJA é fundamental para que ele consiga desenvolver suas habilidades na escola, a colaboradora Resistência fala com orgulho a apresentação de um trabalho de Matemática sobre o jogo Tangram:

Minha segunda vitória foi aqui dentro dessa escola, foi no dia que eu fui apresentar o nosso trabalho, só não tirei primeiro lugar, porque a minha colega gaguejou na hora, eu esculhambei com ela na hora (risos), mas o nosso trabalho foi o melhor trabalho que nós fizemos, foi sobre o Tangram e eu não errei uma peça, e eu montei pra professora e pra chefona que tava lá, minha

colega gaguejou (risos), essa foi a minha raiva dela, disse que se ela errasse ela ia pegar porrada, essa foi a minha segunda vitória professora (Resistência, 2018).

Ela continua sua fala que apesar de não saber ler, conseguiu apresentar o trabalho e orgulha-se por isso, apesar de muitos colegas zombarem e acharem que ela não tinha capacidade, Resistência evidenciou em sua narrativa:

Enquanto muita gente tava lá, muita gente sabia o que tava fazendo, não foram pra entrevista e só quem foi, foi eu, e eu disse pra moça que não ia não e ela disse, mas você vai, porque você estudou e quando eu fui escolhida me chamaram de burra, lá dentro da minha sala de aula, “não professora, não leva ela não que ela é burra” e eu fui assim mesmo, pra eu mostrar aqui que eu sabia e fui, eu cheguei lá e o que sabia ler, leu errado e a burra aqui, que é analfabeta não errou nenhuma coisa (Resistência, 2018).

Assim como Resistência orgulha-se de conseguir apresentar o trabalho, Resiliência também fala sobre o orgulho em voltar a estudar e estar cursando o Ensino Médio: *“Apesar da minha idade avançada eu me sentia uma jovem estudante, e inclusive usava a minha farda com muito orgulho escrito formandos atrás (risos), e foi muito assim positivo pra mim, eu me senti incluída na Educação, nos estudos”.*

A concepção de que a partir de certa idade já é tarde para estudar é muito comum, no entanto a educação é um instrumento que permite a mudança na vida de todas as pessoas, é somente através da educação que o aluno da EJA terá oportunidade de reescrever sua história. Segundo o autor:

Temos ressaltado várias vezes o caráter ideológico da educação. Aqui desejamos apenas deixar explícito que esse caráter, sendo dado pela consciência social, traz a marca de sua origem, isto é, em termos concretos, refere-se à consciência de alguém. É um dos modos do pensar social, porém se expressa pela consciência dos indivíduos que se ocupam desta questão, que são indivíduos vivos, dotados de condições materiais e intelectuais, com interesses confessados e implícitos, com desejos e intenções, etc. (PINTO, 2000, p. 50).

Valorizar as conquistas e realizações dos estudantes da EJA é fundamental para o seu desenvolvimento favorecendo cada vez mais a sua autonomia. “É especialmente importante no trabalho com jovens e adultos, favorecer a autonomia dos educandos, estimulá-los a avaliar constantemente seus progressos e suas carências, ajudá-los a tomar consciência de como a aprendizagem se realiza” (VÓVIO, 1998, p. 20). Compreender seu próprio processo de aprendizagem permitirá que os jovens e adultos ajudem a outros a aprender já que muitos desempenham esse papel na família, trabalho ou comunidade.

A importância de sentir-se capaz de realizar algo é importante nos alunos de EJA, durante o Estágio Supervisionado III notei que a baixa autoestima levava muitos alunos a desistirem das aulas. Lembro-me que durante o estágio tinha como requisito um planejamento de forma coletiva de um plano pedagógico que tratasse de uma problemática da escola. E com o auxílio de um professor da Universidade do Estado do Amazonas-UEA foi realizada uma palestra intitulada “A autoestima e os seus diversos aspectos”, com o objetivo de estimular a autoestima nos alunos e compreender como ela influencia no processo de aprendizagem.

Durante o desenvolvimento do plano pedagógico pude perceber como é importante valorizar o estudante da EJA, para que ele se sinta capaz de continuar e seguir em frente com relação aos estudos. Vivenciei um momento de profunda gratidão ao perceber os olhares de cada aluno para o palestrante que conseguiu criar um ambiente motivador em que os alunos pudessem olhar para eles mesmos e se autoanalisassem.

É de grande importância para a aprendizagem uma autoestima elevada, pois através dela o indivíduo valoriza-se e descobre a sua importância no mundo. Assim, o seu desejo pelas descobertas é mais aguçado, pois a pessoa está bem consigo mesma para enfrentar seus problemas e satisfazer seus interesses. Quanto maior a autoestima, maior é a sua criatividade. Quem se sente amado, aprende a distribuir amor, sente amor pelo ato de aprender e, assim, desenvolve sua personalidade.

A união entre autoestima e aprendizagem produz muito mais do que conhecimento: produz amizade, respeito e confiança, que resultam, também, em interação social do aluno adulto. Ao passo que, o mau desempenho aliado à baixa autoestima resulta em evasão escolar e, conseqüentemente, no rótulo intelectualmente incapaz, o que acaba afetando toda a vida do educando, quando deveria ser algo ligado apenas ao processo cognitivo. Alunos nessa situação sentem-se pouco inteligentes e incapacitados de aprender diante de um mundo competitivo e são vistos como alunos que têm baixa autoestima por pais e professores.

Durante o processo de aprendizagem, o cognitivo acompanha o desenvolvimento emocional. Caso contrário, resulta na dispersão do aluno, despertar a afetividade é a chave do sucesso para o processo ensino-aprendizagem, pois a percepção que o mesmo tem de suas habilidades fortalece seu autoconceito e torna-o confiante para realizar tarefas já para o aluno que tem um baixo autoconceito, os novos desafios parecem-lhe tormentos, pois se acha incapaz de realizá-los (CARDOSO, 2012).

Ao mostrar para a colaboradora Resiliência sua entrevista digitada para a sua aprovação, ela falou um pouco sobre a relação da autoestima:

Por ter terminado o Ensino Fundamental em um ano e o médio também em um ano, eu não me senti capacitada para fazer o vestibular, talvez se alguém tivesse me encorajado eu poderia ter tentado, acho que você poderia falar sobre a autoestima no Eja, muitas vezes a gente não se sente capaz (Resiliência, 2018).

A família foi um dos fatores que marcou a volta dos colaboradores a sala de aula, o apoio e o incentivo são fundamentais para o retorno a escola:

Eu sempre achei que teria muitas dificuldades em estar aqui, fiquei nervoso, mas foi fundamental, porque eu peguei gosto pelos estudos, minhas notas são boas, eu não tenho falta, nunca faltei, pretendo ir pra quinta fase, depois pro médio e depois fazer faculdade, eu sinto prazer em estudar, você aprende muito mais, tem a leitura também, o que eu pretendo fazer é continuar sempre a frente, minha esposa me incentiva, os meus filhos também eu tô aqui já e vou até o final (Determinado, 2018).

Graças a Deus a minha família me ajuda, meu marido me incentiva até hoje, quando ele tem tempo ele me ensina e quando eu tenho tempo sim, porque eu trabalho cuidando de idosos nos hospitais, eu trabalho o dia todo e venho estudar a noite (Resistência, 2018).

Os desafios que os colaboradores enfrentam para estar em sala de aula são inúmeros, por isso o apoio e o incentivo dos familiares é de extrema importância, ao voltar a estudar o jovem e adulto retoma através da EJA os vínculos com o conhecimento, libertando-se do estigma de analfabeto e também dos sentimentos de inferioridade.

A relação dos colaboradores com a educação dos filhos é interessante, apesar deles não terem a oportunidade de estudar na idade certa, buscam proporcionar aos filhos condições para que continuem na escola e sigam adiante nos estudos. Determinado ao citar os caminhos do filho mais velho, sorri e com a voz serena continua:

E eu tento incentivar aos meus filhos, é diferente né incentivo eles a estudar sempre, meu filho agora está no ensino médio, minha filha sempre faz cursos, o meu menino quer ir para faculdade estamos vendo até aqui na Estácio, uma promoção que eu peguei de bolsa, ele tá indo bem (Determinado, 53 anos).

Resistência também fala em relação a educação dos filhos e de pessoas próximas:

Diferente de mim que não tive estudo, minha filha mais velha já é formada, tem a casa dela, e a minha caçula tá fazendo o nono ano, e eu posso meu anjo,

até não saber a ler e escrever, mas as minhas filhas não, sempre trabalhei pelas casas dos outros, aguentando os abusos e palavra na cara como diria a minha mãe quando era viva, e eu ainda lembro benzinho como ela dizia pra nós, mas jamais eu aceito um filho meu fora da escola ou de alguém que eu gosto, até digo, coloca esse menino pra estudar, porque o que vale hoje em dia são os estudos, as minhas filhas sempre estudaram, nunca deixei elas fora de uma sala de aula, nunca (Resistência, 2018).

Ao escrever as entrevistas pude perceber ainda mais a relação que os três colaboradores da EJA têm com a minha própria história de vida e da minha mãe, o esforço para manter os filhos na escola foi um dos pontos que mais me chamou a atenção. Pois, tanto Determinado como Resistência evidenciaram que para eles a continuidade dos estudos dos filhos é fundamental. A colaboradora Resiliência também fala da sua relação com a educação dos filhos:

Devido as minhas condições com ensino, com a escola, com a formação acadêmica, eu desde sempre que tive meus filhos, eu incentivei eles também a estudarem, desde o pré escolar, desde o jardim da infância, que hoje é o ensino infantil, e eles hoje eu posso dizer que dos 8 filhos que eu tive, 7 são formados ou estão em formação, no curso superior e isso pra mim é como seu eu tivesse me realizado ne (momento de pausa, choro). Desde que eles começaram a ter idade para frequentar a escola, no jardim da infância lá no Rio de Janeiro, também era tudo muito longe, eu ia deixar, eu ia buscar, debaixo de Sol e chuva, e nunca deixei de frequentar as reuniões de escola, eles sempre participavam de eventos comemorativos (Resiliência, 2018).

Resiliência continua sua fala do orgulho que possui em relação aos estudos dos filhos:

Hoje eu vi que o meu esforço não foi em vão, aonde eu pudesse conduzi, eu conduzi e depois eles seguiram sozinhos, eu sei que contribui na formação deles e dos oito, tem dois formados em direito, três em pedagogia, um em segurança pública, e outro em logística, e eu quase uma assistente social (risos), assim a gente vê assim que nada é em vão, e é importante, mais tarde recompensa e pra mim é recompensador ver que todos eles estão, encaminhados, buscaram a formação deles (Resiliência, 2018).

As dificuldades enfrentadas para sustentar os filhos e proporcionarem os cuidados necessários foi um dos pontos que marcaram as entrevistas, a colaboradora Resistência fala do seu papel que desempenha na vida das filhas:

Hoje eu olho os meus netos e vi que eu fiz o certo, mas isso pra mim atrapalhou muito por eu não ter aprendido a ler nem a escrever, mas não me arrependo, não arrependo de nada que eu fiz, eu faria tudo de novo, mas o objetivo de ter cuidado dos meus filhos, dos meus netos, isso eu faço tudo de novo, sem nenhum problema, trabalhar na idade que eu tenho, eu me sinto uma vitoriosa, em trabalhar, porque tem muito rapaz e muita moça hoje em dia que não

querem fazer nada, com 20, 30 anos, eu não tenho medo de trabalho, eu não tenho medo de nada (Resistência, 2018).

Ao ouvir a fala dos colaboradores posso refletir como a educação apesar das tantas dificuldades vem sido valorizada pelas classes mais carentes, todos os colaboradores destacam como buscam incentivar os filhos, dessa forma percebo que enquanto os mais velhos tiveram que buscar o sustento e abandonar a escola, as próximas gerações são encorajadas a permanecer na escola, isso se reflete em minha história, sou a filha mais nova de oito filhos, ingressei na faculdade aos dezessete anos, comecei a trabalhar desde os quinze anos, no entanto sempre fui estimulada a estudar, já os meus irmãos mais velhos, quando jovens lavavam carros, carregavam água, minha irmã já foi manicure sempre para se sustentar e ajudar a família e isso refletiu nos estudos e eles conseguiram cursar a faculdade só depois de adultos, por tudo isso sou extremamente grata a eles, pois foi com as suas ajudas que pude prosseguir nos estudos sem interrupção.

Assim como Resistência orgulha-se de poder trabalhar para sustentar os filhos, lembro-me de Resiliência, pois acompanhei de perto seu esforço, o primeiro momento deste trabalho iniciava-se com uma das memórias da minha infância, aos oito anos de idade acompanhando-a nas aulas durante a noite mesmo cansada após trabalhar durante todo o dia, ela não desistiu e fala com orgulho:

Por eu já ter a idade avançada, não ter uma qualificação profissional específica, eu trabalhava de serviços gerais, ou então de doméstica, nas casas, e não me envergonho disso não, porque era o meu trabalho, era o que me dava condições de eu me sustentar e conseguir sustentar os meus filhos (Resiliência, 2018).

As histórias de vida dos colaboradores da EJA são fundamentais para buscar o entendimento de quem são esses alunos, apesar de enfrentarem grandes dificuldades para estar em sala de aula a força e a persistência deles são impressionantes. A colaboradora Resistência fala um pouco sobre a sua trajetória: *“Porque eu sou guerreira, minha vida a tendência é subir, o degrau que eu tinha que cair eu já caí e agora não caio mais, eu não tenho medo da minha idade, não tenho medo de nada, só da minha fé em Deus”*.

A colaboradora Resiliência deixa claro em sua entrevista como encara a importância do estudo nas nossas vidas: *“O estudo que é a base de tudo, o estudo é a libertação da ignorância”*. As palavras de Resiliência vão de encontro do que eu como futura professora aprendi durante o meu percurso acadêmico relacionado a como a

educação para Paulo Freire é conscientizadora e favorece uma ação cultural que se traduz em caminhada rumo a libertação, Freire afirma:

Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (FREIRE, 2014, p. 29).

As palavras de Freire na citação acima refletem exatamente o percurso de Resiliência em sua trajetória, ao se conscientizar de sua realidade e que somente através dos estudos poderia mudá-la, ela buscou proporcionar aos filhos condições para que continuassem na escola incentivando-os por meio da presença constante nas reuniões escolares, foi o seu exemplo a motivação da escrita deste trabalho, as lembranças de acompanhá-la durante as aulas estão marcadas em mim até hoje.

O percurso na escrita desse trabalho está sendo finalizado, e por meio dele pude contar as histórias de vida de Resiliência, Resistência, Determinado e Refúgio, alegremente com Determinado ao contar-me que o filho vai para a faculdade, chorei com Resiliência ao expressar como ela se sente realizada ao ver os filhos formados, aprendi com Resistência a não desistir, afinal: *“o degrau que eu tinha que cair eu já caí e agora não caio mais”*, e com Refúgio senti a perda de sua mãe e me coloquei em sua situação, vesti a sua pele. Dessa forma, apesar da escrita ser finalizada as cirandas da vida continuam, formando-se através de encontros e desencontros, de despedidas e chegadas conforme a autora afirma: *“os encontros são capazes de nos abrigar, enquanto nos lançam em um trabalho de transformação, de elaboração de nossas inquietudes”* (LEITE, 2012, p. 44).

PONDERAÇÕES MOBILIZADORAS

O objetivo deste trabalho desde o princípio foi buscar conhecer quem são os alunos da EJA, a partir de suas próprias histórias entrelaçando-as com o meu percurso formativo, a partir dos resultados obtidos podemos traçar que o perfil do aluno da Eja são de sujeitos que precisam trabalhar para conseguir seu sustento e de suas famílias, mesmo cansados não desistem de seus objetivos e procuram incentivar seus filhos através dos estudos, durante seus processos de vida alguns elementos em comum foram identificados como: o abandono escolar para trabalhar que esteve presente nas falas de Determinado e Resistência; a necessidade de conseguir seu sustento desde cedo contribuiu para que as salas de aula não fossem uma prioridade em suas vidas.

A falta de estrutura familiar foi um dos pontos abordados pela jovem Refúgio, já em sua primeira fala, ela inicia citando que foi criada somente pela mãe e não teve um pai presente em sua vida, Resistência também fala como ter perdido os pais muito cedo e a afetou, pois não teve uma direção para vida. Já para Resiliência as condições para frequentar as salas de aula não eram as mais favoráveis, a dificuldade para ir e vir, sem transporte escolar, tendo que comprar todos os materiais escolares resultaram em repetências e por fim no abandono por completo da escola.

Os motivos para o retorno da vida escolar na EJA, também esteve presente nas entrevistas, o desemprego para Determinado foi crucial, ele busca a qualificação formal já que trabalhou por tanto tempo em uma área complexa. Para a jovem Refúgio o estudo é a oportunidade que tem para ter uma melhor perspectiva de futuro para si própria e a sua filha, Resistência queria apenas aprender a assinar seu próprio nome e Resiliência retornou aos estudos em um desafio pessoal, conseguir cursar o ensino fundamental e posteriormente o médio em um ano, percebe-se em sua fala o real sentido das palavras de Freire ao afirmar: “Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existir-se, historicizar-se” (FREIRE, 2005, p.8).

Escutar as histórias de vida dos colaboradores não foi fácil, pois tive que lidar com os meus próprios sentimentos em relação a tudo que ouvi, em determinados momentos me vi tão envolvida com seus relatos que mergulhei neles e percebi o desafio que terei como futura professora em considerar toda a bagagem que os alunos da EJA trazem para a sala de aula. E este é o meu desafio pessoal, aplicar na prática docente as palavras de

Freire ao descrever o papel do professor: “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (FREIRE, 2003, p. 52). Buscar trazer conteúdos aos alunos de forma que estejam relacionados com sua realidade, que eles considerem relevantes, provocando suas inquietações e fazendo com que eles avancem cada vez mais. O ato de narrar cada história dos colaboradores possibilitou que por meio deles outros tantos alunos que muitas vezes não têm suas vozes escutadas possam ser vistos e lembrados como “seres pensantes que por meio da educação possam ser libertos do regime de dominação, através de uma pedagogia do oprimido” (FREIRE, 2005, p.8).

E foi durante esse longo processo de escrita que pude experienciar tão vividamente as narrativas, aprendi a olhar o outro a partir de sua própria vivência, pude também ver na prática o que os autores tanto afirmavam em suas teorias como Cunha (1997, p.3) ao afirmar que “a narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros”, e esse tipo de mudança só foi possível quando mergulhei nas narrativas e desprendi-me de todas as amarras que durante tanto tempo percorreram a minha jornada acadêmica. Essas são algumas ponderações que me mobilizam para um pensar sobre ser docente de EJA.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação e exclusão da cidadania** In: BUFFA, Ester. Educação e cidadania: quem educa o cidadão. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BANNEL, R. Ings. **Formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico**, In. Movimento: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense n°. 4 Niterói, Set. 2001.

BRASIL, **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular -1º segmento** /— São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

CITTADIN, Diego, BADALOTTI, Greisse Moser. **Eja e mulheres: os motivos e objetivos do retorno das mulheres à escola na eja unidade de Urussanga-SC.**

Disponível em:
https://caco.ifsc.edu.br/arquivos/proeja/artigos_especializa%20o%20proeja_e_ad/diego%20cittadin.pdf. Acesso em: 02 Nov. 2018.

CARDOSO, Marielle da Silva. **Autoestima e aprendizagem na educação de jovens e adultos.** Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/autoestima-e-aprendizagem-na-educacao-de-jovens-e-adultos/97095/>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research.** San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

COSTA, Dora Henrique; CALVÃO, Lea. **Trabalho Infantil.** Rio de Janeiro , DP&A, 2005.

CUNHA, Maria Isabel. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997

FASHEH, Munir. **Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos?** Tradução de Timothy Ireland. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Revista Brasileira de Educação n° 26, p. 157-169. São Paulo. ANPED

FERREIRA, Maria da Conceição Monteiro. **Aceleração da aprendizagem para jovens e adultos: um olhar sobre o projeto tempo de acelerar em Manaus.** 128 f. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Amazonas, 2011.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez editora, 2006

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**; São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4^a ed., São Paulo: Moraes, 1980.

GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco. **Processos pedagógicos para permanência e êxito**. Florianópolis : IFSC, 2014.

GUIDELLI, Rosângela Cristina. **A prática pedagógica do professor do ensino básico de jovens e adultos: desacertos, tentativas, acertos**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

GOMES, Monica Araújo, PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas**. Revista: Ciência & Saúde Coletiva, 10 (2) 357-363,2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. MAFFESOLI, M.

LEÃO, G. M.P. **Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a03v32n1>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

LEITE, Patrícia Bohrer Pereira. **Poemar: reflexões sobre a transmissão das narrativas literárias entre gerações**. *Ide (São Paulo)*, São Paulo , v. 34, n. 53, p. 43-55, dez. 2011 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 26 Nov. 2018.

LOPES, S.; SOUZA, L. S. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?**. Revista **Alfabetização Solidária (Alfasol)**, São Paulo, v. 5, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso: 26 Nov. 2018.

MENEZES, Anco Marcos da Silva. **A entrevista narrativa como técnica de coleta de dados: contribuições metodológicas para uma pesquisa de mestrado em andamento.** 8 f. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, 2016.

MUYLAERT, et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.** Revista Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2):193-199.

OLIVEIRA, Flavia da Silva Pereira Albuquerque. **Análise de uma narrativa tipicamente laboviana e do processo de construção de identidade da narradora.** Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro08/LTAA8_a35.pdf. Acesso em: 26 Nov. 2018

OLIVEIRA, M. C. **Metamorfose na construção do alfabetizando pessoa.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS. 1996. Disponível em: www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/download/854/608+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: : 26 Nov. 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 11º Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

QUEIROZ, Lucicleide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar..** Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371595561/um-estudo-sobre-a-evasao-escolar-para-pensar-na-evasao-escolar-pdf>. Acessado em 22 Nov. 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011

RIEGER, M. JESUS, I. A. **Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola.** Revista Eventos Pedagógicos v.2, n.2, p. 161–170, Ago./Dez.2011. Disponível: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/412/242>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

SOUZA, E. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação.** Revista Educação Em Questão, 25(11), 22-39. 2006. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

SCHÜTZE, Fritz Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222

VÓVIO, Cláudia Lemos. **Viver, aprender: educação de Jovens e Adultos (Livro 1)**
São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

ANEXOS

Termos de consentimento